

MULHER, NEGRA, DA FAVELA: ANÁLISE DE REDE NO TWITTER SOBRE A REPERCUSSÃO DA VITÓRIA DE RAFAELA SILVA NOS JOGOS OLÍMPICOS

PRICILLA FARINA SOARES¹

RAQUEL DA CUNHA RECUERO²

¹ Universidade Católica de Pelotas (UCPel) – pricillafsoares@gmail.com

² Universidade Católica de Pelotas (UCPel) – raquelrecuero@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Pensar as redes sociais enquanto metáforas de estruturas que se formam a partir de conexões que as pessoas estabelecem entre si é pensar que laços sociais e discursos são formados a partir dessas conexões, e que é por meio dessas redes que as associações humanas e os padrões discursivos se revelam, sejam esses discursos influenciados por essa rede ou não. Em espaços offline há redes familiares, de amizade, profissionais, entre outras. São redes que não se propagam tanto quanto as redes online e que muitas vezes não se conectam, mas que produzem discursos, que estabelecem práticas discursivas e relações de poder (FOUCAULT, 2014a, 2014b). E é por meio dessas práticas que nossos laços sociais – que formam redes de conversação – vão construindo, pelo poder, algumas normas, criando padrões como, por exemplo, as noções de gênero e performatividade (BUTLER, 2013), aquilo que se espera de determinada pessoa dentro de uma sociedade enquanto alguém do gênero feminino ou masculino.

Levando-se em consideração que os gêneros são construções sociais e fazem parte de um sistema de representações, no qual se atribuem significados como status, hierarquia social, identidade e valor a cada pessoa dentro de um grupo, e que esses gêneros reproduzem as estruturas socioeconômicas e o domínio masculino, estabelecendo, dentro de uma ideologia do gênero, um “lugar para a mulher” em sua existência social (LAURETIS, 1994), percebe-se ao longo da história que à mulher naturalizou-se o espaço privado, o que fez com que dentro deste espaço fosse estabelecido um padrão discursivo e comportamental que atendesse às demandas sociais, criadas pelos homens. Ou seja, performatizam-se os gêneros (BUTLER, 2013) e dá-se a cada um deles atribuições, que acabam construindo lugares padrões destinados ao gênero feminino.

E esses lugares-padrão variam conforme os lugares de fala, as classes sociais e raças dessas mulheres. Exemplo disso é como as mulheres, atletas olímpicas, são retratadas nas competições. Um recente estudo internacional feito e publicado pela Universidade de Cambridge¹ diz que, apesar de as mulheres representarem 45% de competidores nos Jogos Olímpicos 2016 e das conquistas de medalhas, os homens recebem três vezes mais tempo e espaço na informação esportiva². Depois de analisarem mais de 160 milhões de palavras em inglês nas redes sociais online, blogs, vídeos e jornais, a pesquisa verificou que “rápido”, “forte” e “fantástico” são os adjetivos mais usados para os homens, enquanto que às mulheres são atribuídas as palavras “idade”, “grávida”, “jovem” ou “solteira”. E se pensarmos nas redes sociais e nas práticas discursivas nos meios online e como elas podem, ao estabelecerem redes de conversação, inverterem esses discursos?

¹ <http://www.cambridge.org/about-us/news/aest/> Acesso em Agosto de 2016.

²

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/estilo/1470770467_506561.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM Acesso em Agosto de 2016.

No dia oito de agosto de 2016 a judoca brasileira Rafaela Silva, de 24 anos, conquistou a primeira medalha de ouro para o Brasil, na categoria peso leve, nos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro. Rafaela é uma mulher negra, moradora da Cidade de Deus e que ingressou no esporte por meio de um projeto social. Em 2012, a judoca havia sofrido preconceito e racismo em acusações feitas no seu Twitter, o que quase a levou a desistir da carreira. Entretanto, em 2016, após a vitória da judoca o Twitter levou a hashtag #Judo aos Trending Topics, sendo um dos assuntos mais comentados do momento no dia. Mas como perceber as mudanças discursivas e uma possível inversão de discursos de poder e violência nas redes sociais online a partir do que os interagentes estavam falando sobre a judoca?

Para que se compreendam esses fenômenos online, realizar análises das trocas conversacionais que estão sendo estabelecidas por meio dessas redes online pode ser relevante para perceber os diferentes discursos que vão sendo estabelecidos, e as influências que esses discursos em rede podem causar nos interagentes. A Análise de Redes (ARS) preocupa-se com os dados relacionais, tenta compreender as relações entre os elementos de uma dada rede. Ou seja, buscam-se ocorrências de termos, perfis e conceitos para entender o que está sendo dito a partir das trocas entre interagentes, dentro de determinado contexto, e o porquê de determinadas mensagens estarem sendo replicadas e outras estarem ausentes, já que “essas conexões entre conceitos nos auxiliam a perceber nuvens de sentido mais amplas que são reconstruídas e propagadas nessas ferramentas” (RECUERO; BASTOS; ZAGO; p.145).

O intuito do presente trabalho foi realizar uma Análise de Redes Sociais no Twitter, a partir da hashtag #Judo, de uma coleta de mensagens realizada na tarde do dia oito de agosto, a fim de se perceber que mensagens estavam sendo propagadas sobre a vitória de Rafaela Silva nos Jogos Olímpicos e se essas práticas discursivas levaram em conta as condições de gênero e contexto social. Para isso levou-se em consideração as noções de discurso e poder de FOUCAULT (2014a, 2014b) e as noções de gênero, performatividade e representação de LAURETIS (1994), LOURO (2004) e BUTLER (2013).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho levou em consideração os conceitos de discurso enquanto prática e construção de saberes de FOUCAULT (2014a;2014b) e as noções de construção discursiva e cultural dos gêneros em LAURETIS (1994), LOURO (2004) e BUTLER (2013). Também foram levados em consideração os conceitos de Análise de Redes (ARS) de RECUERO, BASTOS e ZAGO (2015). Foram coletados, ao todo 20.524 tweets (mensagens), às 18h00, do dia oito de agosto de 2016, com a hashtag #Judo. A ideia era perceber o que estava sendo dito sobre a vitória de Rafaela Silva a partir da hashtag padrão, que estava nos Trending Topics como uma das mais comentadas. A coleta dos dados foi feita com o programa NodeXL³, a formatação e filtro foram feitos no Notepad++⁴ e Textometrica⁵, e os grafos finais foram montados no Gephi⁶.

³ <https://nodexl.codeplex.com/>

⁴ <https://notepad-plus-plus.org/>

⁵ <http://textometrica.humlab.umu.se/>

⁶ <https://gephi.org/>

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da coleta de 20.524 tweets com a hashtag #Judo foram estabelecidas as co-ocorrências entre as palavras mais citadas desta rede formada a partir da hashtag usada pelos interagentes como apropriação para falar sobre a primeira medalha de ouro do Brasil na Olimpíada 2016 conquistada pela judoca Rafaela Silva, o que originou o grafo abaixo (FIGURA 01).

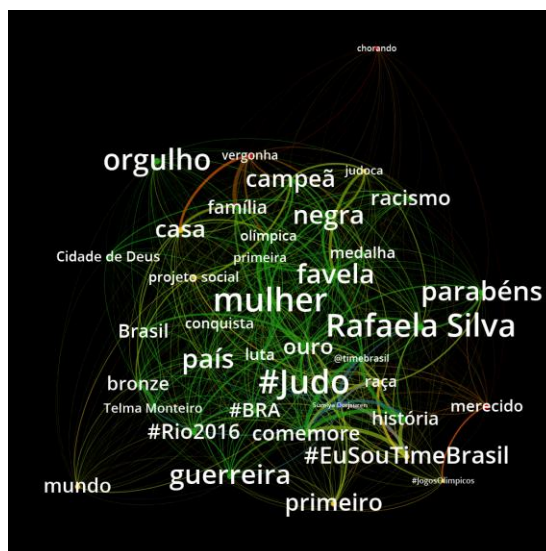


Figura 1: co-ocorrências no Twitter às 18h do dia 08/08/2016

O intuito deste trabalho foi analisar a rede como um todo, e não perfis específicos, o que auxilia na compreensão de como essa rede estava estruturada. As arestas em verde indicam as ligações entre os termos mais utilizados em torno da hashtag #Judo. Trata-se de uma rede bem interconectada e clusterizada, ou seja, uma rede na qual as mensagens são bem centrais e não há tantos grupos dispersos falando sobre outros assuntos ou sendo citadas por outros grupos. É uma rede densa, o grafo apresenta os termos bem interconectados uns aos outros e a maioria dos discursos apresenta termos próximos, ou seja, os grupos temáticos se aproximam.

O destaque desta análise são os termos mais utilizados e seu contexto. Quanto maior o termo se apresenta no grafo significa que mais vezes ele foi citado pela rede, portanto, a maioria dos tweets cita Rafaela como uma guerreira, a parabenizam e ressaltam o fato de a primeira medalha de ouro conquistada para o país em 2016 ser de uma mulher negra e moradora da favela. Destacam-se também os tweets que falam do orgulho pela conquista da judoca. Os outros grupos, em vermelho/laranja na rede citam os termos “vergonha” e “família” fazendo menção a uma fala da judoca, de que as pessoas haviam falado que ela seria uma vergonha para a família e que no entanto, hoje ela era uma campeã.

O fato da rede comemorar e destacar os termos ‘mulher’, ‘negra’, ‘favela’, ‘guerreira’ e ‘orgulho’ para caracterizar positivamente Rafaela e a ausência de comentários negativos, machistas ou racistas na rede demonstra um discurso de inversão de poder (FOUCAULT, 2014b) no qual as mulheres, e as mulheres negras e da favela ganham voz por meio da vitória da judoca. O seu gênero e a sua condição social recebem destaque porque a rede percebe a ideologia por trás do gênero (LAURETIS, 1994) e coloca a mulher numa posição de representatividade social e de ocupação de um espaço público na maioria das vezes dominado por homens. Se dentro de uma existência social cria-se um espaço no qual as mulheres negras e periféricas são ignoradas ou sofrem

diversos preconceitos como os sofridos pela própria Rafaela em 2012, a rede online criada no Twitter em agosto de 2016 demonstra que há uma resistência a essa violência simbólica (BOURDIEU, 1989; ZIZEK, 2009), e que há um discurso de poder que busca desconstruir as noções enraizadas sobre os gêneros.

4. CONCLUSÕES

Com este trabalho percebe-se que, ainda que as práticas discursivas e as relações de poder insistam em naturalizar posições sociais atribuídas às pessoas conforme seu gênero, levando em consideração sua posição social, corpo, status, sua identidade e valor dentro de um contexto histórico no qual as mulheres são sistematicamente subjugadas, as análises de redes na internet possibilitam notarmos uma inversão desses discursos normativos de imposição do que corresponde ou não ao gênero feminino.

Ressaltar que ela é uma mulher, negra e moradora da Cidade de Deus cria o discurso de representatividade e destaca que são características positivas. Ainda que deva-se pensar o fato desses discursos terem se formado pro meio de uma vitória e de uma medalha de ouro, simbolismo relevante dentro do contexto esportivo, o lugar em que esses discursos circulam, nos sites de rede social como o Twitter, são espaços públicos e apresentam relevância sobre como outros interagentes e outras redes que serão formadas a partir dali, ou que irão usar recursos de buscabilidade na rede poderão se influenciar positivamente por esses discursos. Ou seja, com a Análise de Rede desses discursos é possível se pensar no protagonismo e no espaço das mulheres e a influência que essas redes que se formam podem causar, até mesmo no tratamento que a mídia e outros grupos sociais podem ter em relação ao gênero feminino.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CAMBRIDGE, University of. **Aesthetics, athletics and the olympics**, 2016. Acessado em Agosto de 2016. Online. Disponível em: <http://www.cambridge.org/about-us/news/aest/>
- EL PAÍS. **Os 9 títulos mais machistas dos Jogos Olímpicos do Rio**, 2016. Acessado em Agosto de 2016. Online. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/estilo/1470770467_506561.html?id_exter_no_rsoc=FB_BR_CM
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no College de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b.
- LAURETIS, T. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994). p. 206-241.
- LOURO, G. **Um Corpo Estranho**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.
- ŽIŽEK, S. **Violência: seis notas à margem**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.
- RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.